

A NARRATIVA INFANTOJUVENIL E A RECONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM CRISE

Aline Caixeta Rodrigues (FAPEMIG/ ILEEL/ UFU)

alinecaixetarodrigues@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é baseado num projeto de pesquisa nascido de uma visita realizada a um abrigo para menores em situação de risco, que haviam sido tirados de suas famílias pelo Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente. Na mesma época da visita, por meio dos relatos da antropóloga francesa Michèle Petit, descobrimos que o trabalho com o texto literário tem permitido a reconstrução da identidade de uma série de sujeitos inseridos em contextos adversos. Assim, nossa proposta foi a de criar uma Oficina de Leitura com os internos da instituição visitada, para que eles pudessem ampliar seus horizontes culturais, dar novos significados às suas angústias, conquistar o domínio da palavra, desenvolver autonomia intelectual, criar novos laços sociais e exercer os seus direitos ao pensamento, à cidadania e à liberdade de expressão. A partir dos trabalhos de Petit e Larrosa, postulamos que a arte da narrativa permite a organização e a transformação da história do sujeito em crise, por meio da experiência estética, e que a literatura infantojuvenil pode ser fundamental neste processo. Embora tenhamos a intenção de trabalhar com gêneros literários diversos, daremos aqui especial atenção à literatura infantojuvenil, por acreditarmos que ela é propícia ao resgate da imaginação e da criatividade (tão necessárias a estes indivíduos privados dos direitos à infância e ao lazer).

Palavras chave: sujeito em crise; experiência estética; reconstrução da identidade; literatura infantojuvenil.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho é um dos desdobramentos de um projeto de pesquisa intitulado *A RECONSTRUÇÃO DO SUJEITO PELA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA*, nascido de uma visita realizada a uma instituição de acolhimento para menores em situação de risco, no início do ano de 2012. Os jovens que residiam na instituição haviam sido tirados de suas famílias pelo Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, em razão de abuso sexual, agressão física ou negligência paterna, mas não podiam ser encaminhados para adoção, por questões judiciais.

Na mesma época da visita, por meio das aulas de Metodologia de Ensino de Literatura do curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, descobrimos o trabalho da antropóloga francesa Michèle Petit, cujas pesquisas são voltadas para a análise dos efeitos desencadeados pela leitura do texto literário nos sujeitos inseridos

em contextos de crise (tais como: regiões afetadas por conflitos armados, migrações populacionais forçadas e acentuada deterioração econômica). No Brasil, foram lançados dois livros de sua autoria: *Os jovens e a leitura* (2008) e *A arte de ler ou como resistir à adversidade* (2009), que (associados ao livro *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*, de Jorge Larrosa) nos serviram de fundamentação teórica inicial.

A teoria estudada forneceu a base de que precisávamos para a criação do projeto previamente mencionado, cujo objetivo geral é investigar a possibilidade de o trabalho com o texto literário fornecer aos jovens (da instituição visitada) ferramentas subjetivas para a (re)construção de suas identidades, bem como para a ressignificação de suas angústias e a criação de novos laços sociais.

Por meio de reuniões realizadas a cada 14 dias, nos sábados, temos a intenção de promover o contato dessas crianças e adolescentes com o texto literário, através de uma Oficina de Leitura; incentivando-os a se expressarem (tanto de maneira oral quanto escrita), auxiliando-os no desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre o mundo e sobre o próprio *eu*, permitindo que eles descubram diferentes maneira de conduzir suas angústias ao campo da linguagem e proporcionando momentos lúdicos de resgate da imaginação e da criatividade.

Nossa função será a de mediar esse contato (livro-sujeito), por meio de um contexto diverso do ambiente escolar (não regido por avaliações ou imposições de leitura). Segundo Petit, qualquer pessoa pode ser um mediador, desde que tenha disposição e um bom conhecimento de literatura. Em suas pesquisas, a antropóloga se deparou com poetas, bibliotecários, professores, estudantes, ilustradores e psicanalistas que tinham se tornado mediadores e que lhe relataram suas experiências (das quais nos servimos abundantemente).

Dessa forma, esperamos poder reiterar a hipótese de que a literatura é capaz de ajudar o sujeito em crise a se reconstruir, possibilitando que outros possam se servir de nosso trabalho para reproduzi-lo em circunstâncias similares (instituições de acolhimento de crianças e adolescentes em situação de risco); bem como para investigar alternativas metodológicas no trabalho com o texto literário. Além disso, pretendemos proporcionar aos jovens visitados aquilo que lhes foi negado pela sociedade (os direitos: à infância, ao lazer, à experiência estética, à expressão, à autonomia intelectual, à cultura e à cidadania).

A NARRATIVA INFANTOJUVENIL E A RECONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM CRISE

Em nossa Oficina de Leitura, temos a intenção de trabalhar com gêneros textuais diversos, pois segundo Petit “o que faz a felicidade de um, entediará ou angustiará o outro” (2009, p. 174). Considerando a nossa incapacidade de prever o que irá agradar à maioria, somos levados a concluir que o melhor a se fazer é selecionar diferentes tipos de materiais e observar a reação dos jovens a cada um deles. Nossa única preocupação será a de evitar textos que tratem de temáticas muito próximas à realidade desses menores, pois segundo nossa pesquisa teórica, muitos mediadores já fracassaram ao tentar semelhante procedimento. A explicação para este fenômeno é clara: a excessiva proximidade não traz novidades e, portanto, não desperta nenhuma atenção.

Segundo Petit, a leitura do texto literário cria uma “distância protetora” (p. 205) que permite “um olhar distanciado de nossa realidade imediata” (p. 31), capaz de levar o sujeito a encontrar ecos de sua própria experiência; evocando o sofrimento de maneira indireta e possibilitando a metáforização criativa. Para Proust, “no momento em que as aflições se transformam em ideias, [elas] perdem uma parte de sua ação nociva sobre nosso coração” liberando uma alegria sutil (citado por Petit, p. 33). Tais concepções podem ser comprovadas – abaixo – pelo testemunho de um jovem infrator (participante de uma oficina conduzida por Íris Rivera na Argentina):

Sabe o que? É como se dentro de nossas cabeças, antes os pensamentos estivessem misturados e espessos como a água do Riachuelo [rio que atravessa Buenos Aires e que é um dos mais poluídos do mundo], você vê? E agora que falamos e lemos, a gente podia dizer que aqui e ali a água está se tornando mais limpa, não? Em alguns lugares. E há um pouquinho de sol que pode entrar, você viu? E você viu que no Riachuelo os peixes estão todos mortos? Bom, agora eu tenho a impressão que alguns de meus peixes começam a se agitar.” (citado por Petit, p. 207).

Embora saibamos que a regra deva ser o ecletismo, não poderíamos deixar de dar um destaque especial à literatura infantojuvenil em nosso projeto, pois acreditamos que ela é bastante propícia ao resgate da imaginação e da criatividade. Além disso, o texto infantojuvenil é voltado para um público que está sendo iniciado na leitura das narrativas literárias; o que parece ser o caso dos jovens que visitamos, considerando as condições sociais nas quais eles cresceram.

Segundo Peter Hunt, a melhor justificativa para o trabalho com a literatura infantil é simples: “porque é importante e divertido” (p. 43). Na opinião deste autor (como também na nossa), os livros para crianças podem ser “justificados nos mesmos termos que a literatura para adultos” (p. 44), uma vez que têm muito a contribuir para “a aquisição de valores culturais” (p. 47), além de “estarem no auge da vanguarda da relação entre palavra e imagem” (p. 43).

Dessa forma, fizemos um levantamento de obras que poderiam ser trabalhadas com as crianças e adolescentes da instituição visitada, cientes de que nossa bibliografia inicial deverá ser reelaborada a qualquer momento (segundo a resposta dos jovens leitores). Entretanto, antes de apresentar (e justificar) nossa seleção, discutiremos – brevemente – a controversa questão do que é a literatura infantojuvenil.

Para Hunt, “não pode haver uma definição única de literatura infantil” (p. 75), pois os conceitos que constituem o termo (*literatura e infância*) são bastante complexos. Sabemos que ao longo da história, foram adotados critérios variados para a definição do que seria (ou não) um texto literário, mas que o conceito permanece flutuante – como deve permanecer – em razão de seu caráter indomável. Segundo o autor, “a literatura é o que escolhemos fazer dela” (p. 91), como uma erva: “Não são as características da planta que fazem dela uma erva, mas antes o lugar onde ela está crescendo” (p. 86).

Também o conceito de infância é instável, não podendo ser compreendido a uma determinada faixa etária, pois varia de cultura para cultura, bem como de época para época. Sabemos que os povos da antiguidade clássica se utilizavam de palavras ambíguas para classificar qualquer pessoa que estivesse num estágio compreendido entre a infância e a velhice (sem qualquer diferenciação nas etapas do desenvolvimento humano); e que durante a Idade Média, as crianças eram vistas como “adultos em miniatura” (sendo, portanto, tratadas sem nenhuma discriminação ou pudor). A invenção da infância só se deu durante a Idade Média, em meio à burguesia ascendente, que passou a enxergar a criança como um ser humano, com características e necessidades próprias.

Para alguns estudiosos, essa invenção da infância está associada à criação de um novo mercado de consumo, do qual a literatura não podia ficar de fora. Em razão dos valores morais da época, os antigos contos populares (vindos da tradição oral pré-capitalista) foram considerados vulgares e alterados para doutrinar a mente infantil, homogeneizando valores e impondo os ideais aristocrático-burgueses de civilização.

Dessa forma, concordamos com Hunt na afirmação de que “a infância não é hoje (se é que alguma vez foi) um conceito estável. Por conseguinte, não se pode esperar que a literatura definida por ela seja estável” (p. 94).

Entretanto, apesar de toda essa indefinição, acreditamos que haja algo na literatura infantojuvenil que a diferencia da literatura adulta; mesmo que a percepção dessa diferença seja mais intuitiva do que pautada em critérios sólidos.

Na opinião de Paula Mastroberti, o termo “infantojuvenil” é um rótulo cujo objetivo reside sobre o endereçamento de um determinado tipo de texto a um público específico. Assim, a utilização deste rótulo limita a literatura a um mercado de consumo particular, provocando um apartamento – não produtivo – entre o ser jovem e o ser adulto. A questão é complexa e merece ser discutida.

Segundo a autora, os critérios normalmente apontados para a definição do texto infantojuvenil (presença de ilustrações, temática fantástica, tipologia de personagens, linearidade narrativa, linguagem simples, dentre outros) são questionáveis, pois podem ser revogados sem prejuízo para a assimilação do texto pela criança. Embora concordemos com a autora neste aspecto, nos parece ingenuidade afirmar que não existe uma literatura infantojuvenil, mas apenas a *literatura* em si. A nosso ver, Hunt resume bem a questão, afirmando que “a literatura infantil está se tornando autodefinidora” (p. 100); embora reconheçamos que para manejá-la, ainda precisamos estudar muitos de seus aspectos. Não podemos nos esquecer de que o interesse pelo texto infantil é muito recente e que ainda faltam pesquisadores interessados no assunto.

Em relação à nossa bibliografia inicial, discutiremos primeiramente os critérios adotados para nossa seleção, para depois apresentar um pouco de cada obra. Como já mencionamos, nossas principais preocupações foram em: evitar narrativas que fizessem referências explícitas à situação dos jovens visitados; e procurar diversos tipos de textos, com o intuito de agradar nosso público leitor.

Além disso, foram levados em consideração critérios como: a opinião da crítica literária especializada; o potencial das obras escolhidas para o acesso às emoções (através do uso da linguagem poética); a possibilidade de levantar debates e discussões orais a partir das leituras realizadas em grupo; a utilização de materiais com extensões diversas; a possibilidade de discutir questões sociais complexas a partir dos textos analisados; e a preocupação dos autores com o modo de usar a linguagem.

Nossa seleção inicial é composta pelos seguintes materiais (listados, abaixo, em ordem alfabética):

➤ **Coraline e o mundo secreto (longa metragem)**

Coraline e o mundo secreto é um longa metragem baseado no livro homônimo de Neil Gaiman, dirigido por Henry Selick. O filme conta a história de Coraline Jones, uma menina que se muda com sua família para uma nova casa, na qual ela descobre uma porta secreta que a leva para uma outra dimensão de sua própria vida. A princípio, Coraline acredita que essa versão alternativa de sua existência é melhor do que a realidade, mas logo ela irá se descobrir num mundo perigoso que irá testar toda a sua coragem e inteligência.

➤ **Corda bamba - Lygia Bojunga**

Corda bamba narra a jornada de Maria pelos labirintos de sua própria mente, na superação de um trauma. Filha de equilibristas de circo, a menina assiste à morte dos pais durante um espetáculo; sendo, em seguida, levada para viver junto da avó: uma mulher rica e dominadora, para quem o dinheiro deveria ser capaz de comprar tudo. Neste livro, Lygia Bojunga mostra-nos mais uma vez que não tem medo de escrever sobre os problemas da vida, abordando temas polêmicos com a delicadeza e a originalidade que lhe concederam o mais tradicional prêmio da literatura infantojuvenil: o Hans Christian Andersen.

➤ **Felicidade clandestina - Clarice Lispector (conto)**

Esta pequena pérola da literatura nacional (retirada de uma coletânea homônima composta por 25 contos) narra – em primeira pessoa – a história de uma menina obstinada a conseguir um livro (emprestado), que não desiste antes de conseguir tê-lo. Em torno da questão relativa ao que é a felicidade, Clarice Lispector constrói uma narrativa suave, na qual podemos perceber alguns dos traços de sua genialidade (cujo estilo literário já foi comparado ao de grandes nomes da história mundial, como James Joyce, Virginia Woolf e Franz Kafka).

➤ **Fita verde no cabelo - Guimarães Rosa**

Nesta fantástica releitura do conto “Chapeuzinho Vermelho”, Guimarães Rosa conta a história de uma adolescente que precisa enfrentar a morte de sua avó. Como

sempre, Rosa é magistral no uso da linguagem, brincando com uma série de intertextos, metáforas e neologismos; em diálogo com as simbólicas ilustrações de Roger Mello. Atualmente, esta obra já é considerada um clássico consagrado da literatura infantojuvenil brasileira.

➤ **Luas e luas - James Thurber**

Quando a pequena princesa Letícia adocece, seu pai promete conseguir a lua para fazê-la melhorar. Desesperado, o rei pede ajuda a seus conselheiros, que afirmam (cada uma à sua maneira) ser impossível conseguir um presente como o que a princesa havia pedido. Apenas o bobo da corte será capaz de encontrar a solução. Considerado altamente recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, *Luas e Luas* é uma narrativa prazerosa que discute o que é (ou não) impossível, a partir do ponto de vista de uma criança.

➤ **O duende e o merceeiro – Hans Christian Andersen**

O duende e o merceeiro é um dos inúmeros contos de Andersen, que tratam do valor dado à literatura, pela sociedade. Nesta narrativa, Andersen combina questões sociais graves a uma série de elementos fantásticos, numa história repleta de fino humor e ironia. Nenhum trabalho com a literatura infantojuvenil seria completo sem – ao menos – uma das maravilhosas narrativas de Hans Christian Andersen.

➤ **O pequeno príncipe - Antoine de Saint-Exupéry**

Traduzido em mais de 220 línguas, *O Pequeno Príncipe* dispensa justificativas. Nesta belíssima obra, Exupéry traz a mensagem da infância, por meio de personagens inesquecíveis que discutem alguns dos temas mais complexos da história da humanidade; valorizando a imaginação, a sensibilidade e a simplicidade (pondo em questão as diferenças entre os adultos e as crianças). Ilustrado pelo próprio autor com suaves aquarelas, *O Pequeno Príncipe* é um dos livros que devem constar no acervo cultural de todos os jovens leitores do mundo.

➤ **Os fantásticos livros voadores do sr. Lessmore (curta metragem)**

Vencedor do Oscar 2012 de melhor curta metragem animado, esta obra é uma homenagem às comédias de Buster Keaton, a *O Mágico de Oz* e ao prazer de ler livros. Dirigido por Brandon Oldenburg e ilustrado pelo premiado artista William Joyce, *Os Fantásticos Livros Voadores do Sr. Lessmore* compõe 15 minutos de muita emoção e

aventura, que ilustram – com muitas cores, sons, gestos e expressões – o poder curativo das narrativas literárias.

➤ **Os lobos dentro das paredes - Neil Gaiman**

Esta obra, do mesmo autor de *Coraline e o mundo secreto*, conta a história de Lucy, uma menina que escuta ruídos vindos de dentro das paredes de sua casa. Ela tem certeza de que existem lobos vivendo ali, mas a família não acredita nela, até que, numa noite, as tais criaturas realmente aparecem e tomam conta da casa. Mas Lucy descobre que nem tudo está perdido ao ter uma ideia que deixará o leitor surpreso. *Os lobos dentro das paredes* é uma história emocionante que alia mistério, fantasia e o humor inteligente de Neil Gaiman às impressionantes ilustrações de Dave McKean.

➤ **Ponte para Terabítia - Katherine Paterson**

Ponte para Terabítia é uma obra de literatura infantil (recentemente adaptada para o cinema) que conta a história da amizade existente entre Leslie Burke e Jesse Aarons: duas crianças desajustadas, que juntas criam um bosque mágico ao qual dão o nome de Terabítia. Neste reino de fantasia, Leslie e Jesse viverão muitas aventuras até que uma fatalidade os separa, obrigando Jesse a ser forte para enfrentar a realidade.

Com base em nossas considerações anteriores, podemos afirmar que – de modo geral – nossa intenção é a de promover aos jovens visitados (por meio do contato com as obras apresentadas) um “espaço do jogo, do riso, onde encontrar o direito de ser criança, de inventar, de compartilhar momentos agradáveis, gratuitos [e] criativos” (Petit, p. 73); abrindo o universo dessas crianças e adolescentes para “um outro lugar, onde o devaneio, e portanto, o pensamento, a lembrança e a imaginação de um futuro tornam-se possíveis.” (p. 76).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho, procuramos divulgar nosso projeto, denominado *A RECONSTRUÇÃO DO SUJEITO PELA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA*, destacando a importância da literatura infantojuvenil para o jovem em situação de crise. Nosso objetivo na divulgação deste trabalho é o de incentivar mais estudantes, pesquisadores,

professores e amantes da literatura a se tornarem mediadores. Além disso, buscamos sugestões e comentários que possam enriquecer nosso trabalho prático, tornando-o mais produtivo.

Com base nos textos de Petit e Larrosa, procuramos estabelecer uma base teórica sólida, para que possamos trabalhar com os jovens visitados, na esperança de alcançar objetivos plurais, dentre os quais destacamos: a superação de suas angústias, a conquista da palavra (escrita e oral), a descoberta da fruição estética, a criação de novos laços sociais e o exercício dos direitos ao lazer, à infância, à expressão, à cultura e à cidadania.

Embora tenhamos tomado contato com a dificuldade de conceitualização da literatura infantojuvenil (partindo das observações de Peter Hunt e Paula Mastroberti), procuramos trabalhar com obras que tivessem algo de relativo ao universo da criança e do adolescente.

Nossa seleção inicial de textos foi realizada de forma eclética e atenta, para que evitássemos a utilização de obras com referências diretas à situação dos menores atendidos, (além de ter considerado outros critérios que julgamos relevantes).

Concluimos este breve texto, com o depoimento de Hanif Kureishi, como forma de resumir o que pretendemos para os jovens atendidos por nosso projeto:

Em vez de me comportar como vítima, eu serei todo-poderoso; escrever me permitia tratar, ordenar o que me parecia ser apenas caos. [...] eu era meu próprio mestre [...] eu dava vida a um mundo cujas dissonâncias podia dominar e esvaziar de seu veneno. Escrevia para me sentir melhor [...] Escrevia para me tornar um escritor e fugir da periferia. (citado por Petit, 2009, p. 228).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, Hans Christian. *O duende e o merceeiro*. In: Histórias e contos de fadas: obra completa (vol. 1). Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte: Editora Villa Rica, 1996.

BOJUNGA, Lygia. *Corda bamba*. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

CORALINE e o mundo secreto. Direção: Henry Selick. Estados Unidos: Universal Studios, 2009. Longa metragem (100 min).

CRAIDY, Carmem; KAERECHERO, Gládis. *Educação infantil pra que te quero?* Porto Alegre: Artemed, 2001.

GAIMAN, Neil. *Os lobos dentro das paredes*. São Paulo: Rocco, 2006.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. In: O tesouro das virtudes para crianças. (org. Ana Maria Machado). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MASTROBERTI, Paula. *Literatura infanto-juvenil: gênero, estilo ou etiqueta?* Disponível em: <http://www.dobrasdaleitura.com/revisão/estiloetiqueta.html>.

Os fantásticos livros voadores do Sr. Lessmore. Direção: Brandon Oldenburg. Estados Unidos. Curta metragem (15 min).

PATERSON, Katherine. *Ponte para Terabítia*. São Paulo: Salamandra, 2007.

PAULINO, Graça. *Literatura: participação e prazer*. São Paulo: FTD, 1988.

PETIT, Michèle. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. 2ed. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2010.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2008.

POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

ROSA, João Guimarães. *Fita verde no cabelo: nova velha história*. (Ilustrações de Roger Mello). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. 47ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

THURBER, James. *Luas e luas*. (Trad. Dinah de Abreu Azevedo). São Paulo: Ática, 2005.